

A SILVA FREIRE

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Como poderia, eu, neste momento, dizer qualquer coisa, sem cair na redundância dos superlativos ou no vazio do saudosismo puro?

Não tenho pendores para elogios imerecidos ou ataques infundados. Digo apenas o que sinto e o que penso, com conhecimento de causa; ou não digo nada.

Também, não gosto de julgar o meu próximo, principalmente, se ausente. Um julgamento sempre implica em comparação com um padrão de comportamento, cuja normalidade é estabelecida pelo procedimento da maioria. Os nossos feitos, bons ou maus, são, invariavelmente, frutos da oportunidade; portanto, para que eu julgasse, e fosse justo neste julgamento, seria necessário que tivesse sido dada, a todos, as mesmas oportunidades. Só Deus, então, tem a capacidade para um julgamento justo, por saber o que vai no íntimo das suas criaturas; podendo, pois, saber como agiriam diante das mais variadas circunstâncias da vida terrena.

Costumo sempre dizer que todos nascemos bons e puros; só depois, a vida ou a nossa carga genética diante dela, é que nos conduz à prática de atos considerados, bons ou maus, perante os padrões da sociedade em que vivemos. Portanto, temos um núcleo inicialmente bom; sobre o qual vão sendo aplicadas sucessivas demãos de vernizes, tintas, zarcões e até negros betumes.

Fiz todo este rodeio porque desejava falar algo sobre Silva Freire, e não sabia o que, ou como; pois, a minha convivência com ele foi só até 1948, quando eu contava apenas 17 anos e fui para o Rio de Janeiro, a fim de continuar os meus estudos. Depois, as nossas vidas tomaram rumos diversos, e, dele, sabia apenas notícias. Era com satisfação, portanto, que ficava sabendo de todos os seus sucessos: advogado brilhante, presidente da Ordem dos Advogados de Mato Grosso, importante escritor, inspirado poeta, membro da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, professor universitário, etc. Mas, se toda a sua trajetória nesse longo espaço de tempo me foi reportada por outrem, da sua vida, até 1.948, tomei conhecimento por uma convivência, nascida da amizade entre bons vizinhos, naquela Cuiabá de outrora. Embora, ele, tivesse alguns anos mais que eu; ambos éramos meninos da "Mandioca". Crescemos naquele pedacinho da Cidade que tinha o sabor de século XVIII, o que nos

conduzia a uma certa intimidade com histórias de índios, bandeirantes, ouro e escravos. Fomos assombrados pelos mesmos fantasmas e pelas mesmas, folclóricas e horripilantes, criaturas.

Benedito Sant'Ana da Silva Freire foi um menino bom, querido e admirado por todos: era companheiro, prestativo e dinâmico; sem prejuízo da sua cativante humildade. Lembro-me que o seu primeiro emprego foi como auxiliar do meu pai em sua oficina de rádios; era, conseqüentemente, freqüentador assíduo da nossa casa. Ninguém o conhecia, então, pelo verdadeiro nome; sendo chamado apenas, carinhosamente, por Bugrinho.

Depois, já rapazes, numa época em que os jovens caminhavam com os seus próprios pés; sempre que, ao retornarmos do "Jardim" para as nossas casas, ao fim da noite, vínhamos conversando, até à porta da minha casa, que se situava primeiro. Naqueles tempos, quando não era dia de namoro, os moços se reuniam pelo simples prazer de uma boa conversa.

Conheci, portanto, o "núcleo" do nosso Silva Freire, sobre o qual se acumularam as diversas camadas de convenções sociais, conhecimentos, sucessos e, inevitáveis, fracassos; que todos nós, obviamente, já tivemos no decorrer das nossas vidas. Desde cedo demonstrou, ele, que seria um vencedor pelos seus próprios méritos.

Neste momento que perdemos, para sempre, a sua convivência terrena, só posso desejar que, ele, se despindo de todos os seus títulos, sucessos e glórias humanas, caminhe para a vida eterna apenas como o menino bom, simples e puro que conheci, e, tenho certeza, lá encontrará o nosso Criador que o receberá dizendo:

"-Seja bem-vindo, Bugrinho...; tome um lugar em minha casa!"

Cuiabá, 11 de agosto de 1991